



RELAÇÕES BRASIL – CHINA: NOVAS PERSPECTIVAS

André Bueno¹

Breve Reseña Curricular

Prof. Adjunto de História na UERJ, Brasil; Pós-Doutor em História pela UNIRIO; atua no campo da Sinologia principalmente nos seguintes temas: pensamento chinês, cultura chinesa, diálogos interculturais. Mantém ainda o Projeto Orientalismo, para divulgação na rede de materiais sobre história e culturas asiáticas. Bolsista na Fundação Biblioteca Nacional [2018-2019]

Resumo: Em nosso breve artigo, discutiremos as perspectivas futuras sobre as relações entre China e Brasil após a guinada política ocorrida nas eleições presidenciais brasileiras. Com a ascensão do presidente Jair Bolsonaro, alinhado com as políticas externas do governo Donald Trump, o Brasil poderá reformular suas parcerias com a China em um futuro próximo, tomando um rumo diferente dos demais países latino-americanos. Veremos como essa situação tem precedentes históricos no Brasil, e quais podem ser suas possíveis conseqüências.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Brasil; Sinologia Brasileira; Modelo Chinês; Política Brasileira

Resumen: En nuestro breve artículo, discutiremos las perspectivas futuras sobre las relaciones entre China y Brasil después del giro político ocurrido en las elecciones presidenciales brasileñas. Con el ascenso del presidente Jair Bolsonaro, alineado con las políticas externas del gobierno Donald Trump, Brasil podrá reformular sus alianzas con China en un futuro próximo, tomando un rumbo diferente de los demás países latinoamericanos. Veremos cómo esta situación tiene precedentes históricos en Brasil, y cuáles pueden ser sus posibles consecuencias.

Palabras-clave: Relaciones Internacionales; Brasil; Sinología Brasileña; Modelo Chino; Política Brasileña

Com a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência, as relações entre o Brasil e a China podem mudar. Alinhado com a política externa do governo de Donald Trump, o Presidente Bolsonaro prometeu rever as parcerias estratégicas que foram estabelecidas nos governos anteriores, e frear os investimentos chineses no país. A retórica de desconfiança com os chineses se deve a vários fatores diferentes: a China continua a ser um país comunista, tem realizado uma política predatória em relação aos recursos naturais e agrícolas brasileiros, e seus produtos estariam destruindo as indústrias brasileiras e tirando empregos.

Esse discurso não é novo na história brasileira, e representa, de fato, o ressurgimento de uma visão mais antiga sobre a presença asiática em nosso território. Veremos nessa apresentação como o Brasil, em um período próximo, pode tomar um rumo bastante diferente em suas relações bilaterais com a China. Para isso, pretendemos que a definição dessas políticas está intimamente ligada à história brasileira; e quais os desafios dessa mudança para o cenário da economia brasileira e chinesa.

Uma história das relações Brasil-China

Dentre os países latino-americanos, o Brasil tem uma relação bastante específica com a China. O país não conheceu uma imigração em massa de trabalhadores chineses no século 19, tal como correu em Cuba, Colômbia, Venezuela ou Estados Unidos.² Quando estava integrado ao império português, o Brasil recebeu levadas inconstantes e pouco numerosas de imigrantes ‘chins’ (como eram chamados), que terminavam por se aculturar no país. Em 1814, o imperador de Portugal, Dom João VI, ordenou que chineses vindos de Macau fossem instalados no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para que iniciassem uma plantação de chá. O projeto não foi adiante, sendo mal-sucedido; todavia, isso inaugurou um lento e constante (embora pouco numeroso) trânsito de chineses para o país.³ Algumas contribuições chinesas foram sentidas em vários aspectos da cultura brasileira, como identificou Gilberto Freyre.⁴

A partir da década de 1850, o Brasil – uma nação já independente – começou a discutir as possíveis alternativas para a substituição da mão-de-obra escravizada vinda da África. Embora houvesse preferência por imigrantes europeus, a opção por trazer trabalhadores chineses ganhou bastante atenção, graças às experiências conduzidas em outros países. O debate foi moroso e incerto até 1878, quando ocorreu o congresso agrícola brasileiro, que pretendia discutir o futuro da lavoura brasileira.⁵ O governo imperial apoiou a proposta da imigração chinesa; autores como Salvador Mendonça,

observando a presença chinesa nos Estados Unidos, fizeram estudos positivos sobre a questão.⁶ Mas ela foi rechaçada por vários intelectuais, que consideravam a vinda dos ‘coolies chins’ uma nova forma de escravidão, e o debate foi amplamente divulgado junto ao público.⁷ Em 1881, uma missão brasileira foi enviada ao país, mas não obteve sucesso em estabelecer acordos comerciais favoráveis. Nos relatos, ficava claro que o Brasil se colocava como uma nação eurocentrada, exigindo condições desfavoráveis que os chineses recusaram.⁸ Outras missões se seguiram, com resultados variáveis, mas nenhuma delas apresentou resultados em definitivo sobre a questão.⁹ Apesar de ambos os países estabelecerem laços diplomáticos, a pretendida imigração maciça de chineses acabou nunca ocorrendo.

Ademais, a intelectualidade desenvolvera uma concepção particular em relação ao problema racial do Brasil; acreditando que nossa sociedade era formada pela união de três matrizes diferentes – o indígena, o português e o negro africano – a cultura e o povo brasileiro seriam, por conseguinte, uma construção histórica singular, na qual o elemento ‘oriental’ não estaria presente de maneira significativa. O Brasil conheceria, assim, uma prática orientalista peculiar¹⁰, diferente daquela de Cuba ou dos Estados Unidos (onde a presença chinesa era forte) ou da Argentina (onde era praticamente inexistente). Esse Orientalismo – atento a erudição, mas preconceituoso na prática social – negou um espaço de aceitação mais amplo aos asiáticos. Tal panorama só viria a transformar-se com o início da imigração japonesa, realizada de forma mais espontânea e menos rígida, que formaria – já no Brasil republicano - uma imensa colônia que foi habitar o interior do país.¹¹

A academia se viu privada, por conseguinte, da construção de uma Sinologia brasileira, e a China, como objeto de estudos, praticamente desapareceu. Essa situação só veio a se modificar radicalmente com a ascensão do comunismo na China. Depois de 1949, com a vitória de Mao Zedong, milhares de chineses fugiram do país, e grandes levadas acabaram vindo para o Brasil, país que acreditavam ser receptivo e menos populoso que os Estados Unidos e a Europa. Essa virada na história política marca, também, uma mudança nas visões brasileiras sobre a sociedade e a cultura chinesas.

Como apontamos no texto ‘Caminhos para uma sinologia brasileira’ (Bueno, 2018)¹², o século 20 conheceu uma expansão do interesse pela China no Brasil. Muitos intelectuais brasileiros buscaram compreender melhor as reformas realizadas pelo governo comunista, que estaria alcançando um sucesso rápido no processo de desenvolvimento econômico, industrial e tecnológico após o cenário desolador da

segunda guerra mundial. Pode parecer paradoxal que a curiosidade sobre a China tenha crescido, justamente, no mesmo momento em que muitos chineses fugiam do regime Maoísta e vinham para cá. No entanto, fica clara a diferença de perspectivas quando analisamos os pontos de vista de chineses imigrantes e dos pensadores brasileiros. Grande parte desses chineses imigrantes foi sendo aculturada no Brasil, e muitos eram cristãos. O padre João Batista Se-Tsien Kao, chinês formado na França e poliglota reconhecido internacionalmente, veio para o Brasil na década de 50 e fundou uma escola cristã de idiomas para imigrantes chineses, mostrando o perfil e a importância desse público.¹³ Ele também publicou duas importantes obras em português: *Filosofia social e política do Confucionismo* [1952] e *Confucionismo e Tridemismo* [1953] – essa última, um libelo em defesa do republicanismo chinês e do regime político de Taiwan.¹⁴ Nesse mesmo período é que Ricardo Joppert, primeiro sinólogo brasileiro, começaria seus estudos na França e em Taiwan, com a qual se manteria ativamente vinculado.¹⁵

Já os pensadores brasileiros eram, em sua maioria, inspirados pela visão modelar da China.¹⁶ A ‘visão modelar’ consiste na idéia de que a China e o Brasil se aproximariam cultural e historicamente em vários sentidos – e por isso, soluções encontradas na China poderiam ser adaptadas e inseridas no contexto brasileiro. Desde o trabalho de Henrique Lisboa¹⁷, os brasileiros entendiam a China, no geral, como atrasada tecnologicamente, dependente da agricultura, e sua sociedade seria pobre e conservadora. Mas justamente por essa razão, os expedientes, estratégias e técnicas bem sucedidas para superar esse atraso, no contexto chinês, poderiam ser aplicadas aqui, como se daria no caso específico da sericultura, do cultivo de chá, arroz e das técnicas de porcelana. No século 19 e na virada do século 20, os brasileiros acreditavam numa certa superioridade, em termos culturais, aos demais povos asiáticos; contudo, a imigração japonesa para o país, o advento da segunda guerra mundial – com a forte impressão causada pelos conflitos asiáticos, o medo de uma invasão nipônica no Brasil, e o apoio brasileiro ao governo do Guomindang¹⁸ –, além do crescimento exponencial da China na década de 50, levaram os pensadores brasileiros a rever esse quadro. Adolpho Justo Bezerra de Menezes, diplomata brasileiro que participara da Conferência de Bandung (1955) alertou, de forma visionária, sobre a importância de estreitar laços comerciais e políticas com os países afro-asiáticos, prevendo seu ressurgimento crescente no cenário internacional.¹⁹

No plano político, o Brasil continuara alinhado com Taiwan: mas no campo das idéias, os intelectuais que foram a China estavam em busca das soluções comunistas

para os problemas brasileiros. De fato, a maior parte deles se opunha ao governo brasileiro alinhado politicamente com os Estados Unidos, e criticavam duramente nossa antiga estrutura econômica de capitalismo agrário, que perpetuava o ‘atraso’ brasileiro. Josué Guimarães (1952)²⁰ foi até o país para conhecer as características do novo regime, e Osny Duarte (1956)²¹ surpreendeu-se com a ênfase na educação dada pelos chineses, bem como de suas conquistas mais recentes na industrialização. Seu trabalho *Nós e a China* (1956) dá uma idéia clara de como a China poderia nos servir de modelo em várias questões. Algum tempo depois, Lygia Fagundes Telles, poetisa, viajou até a China para acompanhar o 11º aniversário da revolução em 1960 e, mesmo afirmando não ser comunista, encantou-se pela realidade com que se deparou²²; Caio Prado Junior, uma dos maiores intelectuais brasileiros, viajou igualmente para a China em 1960, e elaborou uma proposta de marxismo abasileirado com inspirações derivadas dessas experiências, levando em conta as similaridades entre a questão agrária entre o Brasil, União Soviética e gigante asiático milenar.²³ Por fim, o vice-presidente do país, João Goulart, visitou oficialmente a China, em 1961, desafiando o alinhamento ocidental com os Estados Unidos e Europa. Ele voltaria em breve para assumir o cargo de presidente no Brasil no mesmo ano, mas seria derrubado pouco tempo depois por uma junta militar que tomaria o governo em 1964, encerrando o processo de aproximação. Todos, sem exceção, insistiam no mesmo argumento: a China saíra de uma estrutura similar ao do Brasil – uma economia agrária, latifundiária e atrasada – e conseguira um salto em direção à industrialização e a modernidade, superando as expectativas históricas. Havia, portanto, uma série de experiências que os brasileiros deveriam conhecer e utilizar.

Obviamente que esses viajantes não tiveram conhecimento das inúmeras crises ocorridas pelo planejamento desastrado de Mao Zedong e sua equipe, que levaram milhões de pessoas a fome e a morte.²⁴ A miragem chinesa continuaria a inspirar esses observadores. E de fato, a capacidade dos chineses em superarem essas dificuldades parecia endossar suas teorias. Após o lapso temporal da revolução cultural – durante a qual a China ficou fechada para brasileiros e estrangeiros em geral –, outros relatos continuariam a exaltar o modelo chinês. Cláudio Bojunga (1974)²⁵ publicou uma série de pequenos ensaios falando de suas experiências entre os chineses; Heloneida Studart (1979)²⁶ levou ao extremo a comparação entre China e Brasil em seu livro *China – o nordeste que deu certo*, defendendo a idéia de que a civilização chinesa teria conseguido se recuperar e se levantar de condições análogas àquelas encontradas nas partes mais

pobres do nordeste brasileiro – na época, a região vivia um ciclo de duras secas no campo, que afetavam diretamente a produção agrícola, além de ter sido prejudicada por diversas administrações desastrosas. Humberto Braga²⁷ também foi ao país e identificou, ali, questões culturais e de mentalidade que poderiam ser bastante enriquecedoras, em termos epistemológicos, para a academia brasileira.

Em 1974 o Brasil, continuamente engajado na política externa ao lado dos Estados Unidos, aceitou o direcionamento do governo Richard Nixon (1969-1974), que visitou a China em 1972, e reconheceu o país comunista como representante legítimo na ONU, modificando as orientações anteriores. Isso significou uma série de mudanças no panorama das relações China-Brasil.

Depois da década de 1980-90

Após as relações econômicas e políticas entre os dois países deslancharem, ficou evidente o rápido desenvolvimento vivenciado pela China, principalmente a partir do governo de Deng Xiaoping (1978-1990). Autores como Carlos Drummond²⁸, Vamireh Chacon²⁹ e Wladimir Pomar³⁰ acompanharam atentamente as mudanças ocorridas no país, e tentaram explicá-las ao público brasileiro, que tinha – e ainda tem – uma grande dificuldade em compreender o modelo chinês a luz de seus rótulos ideológicos. O estabelecimento de parcerias tecnológicas e o crescimento do consumo de produtos brasileiros pela indústria chinesa foram gradualmente redefinindo o perfil dessas relações. Nesse sentido, pensadores como Severino Cabral³¹, fundador do Instituto Brasileiro de Estudos da China e Ásia-Pacífico – IBECAP, atuaram intensamente para incrementar essas parcerias, tanto no plano das relações internacionais como dos estudos chineses, buscando trazer ao panorama brasileiro informações, dados e estudos sobre esse processo de integração.³²

O advento da nova república no Brasil (1985) trouxe mais abertura para essas relações, que foram bem recebidas (em diferentes graus) pelos sucessivos governos brasileiros.³³ Todavia, foi com a ascensão dos governos de inspiração socialista no Brasil – dos presidentes Lula (2003-2010) e Dilma Rouseff (2011-2016) -, que essa relação parecia ter-se aprofundado ampla e intensamente. O volume de negócios entre Brasil e China atingiu recordes históricos, com a presença chinesa nos mais diversos setores.³⁴ O Instituto Confúcio veio para o Brasil (2008), inaugurando a primeira rede de estudos de língua chinesa no país. Aparentemente, pois, a presença chinesa estaria

consolidada no Brasil; mas como veremos, esse quadro estava longe de ser tão positivo quanto parece.

Questões brasileiras

Uma das maiores dificuldades que as empresas brasileiras enfrentaram foi a concorrência das indústrias chinesas, que fabricavam produtos de custo muito mais reduzido do que os produzidos nacionalmente. Dentro de uma lógica própria do mercado, porém, muitas dessas empresas encontraram uma estratégia para evitar a falência: começaram a fechar seus parques industriais e a importar os produtos chineses, simplesmente revendendo-os com um selo brasileiro. Isso criou uma leva de desemprego crescente, que foi momentaneamente encoberta pela euforia do consumismo dessas mercadorias de baixo custo. Políticas governamentais de auxílio financeiro ajudaram a cobrir a defasagem de renda, estimulando uma aparente situação de bem estar social. Além disso, um crescimento elevado na entrada ilegal de produtos chineses no país afetou diretamente a arrecadação de impostos, causando uma evasão séria de divisas.

A contrapartida desse cenário foi o consumo crescente de commodities brasileiro, que praticamente reformulou o setor agrícola e a exploração de minérios e combustíveis. A China vive um surto de consumo que atinge recordes históricos.³⁵ O setor de construção civil e infra-estrutura chinesa têm absorvido quantidades impressionantes de materiais³⁶, e o seu bom desempenho é fator fundamental no desenvolvimento econômico chinês.³⁷ O Brasil é um de seus principais fornecedores, enviando também aço, minérios, alimentos, carne e grãos, tornando-se bastante dependente da economia chinesa nesse sentido. Além disso, indústrias automotivas e de aparelhos eletrônicos chinesas entraram no mercado brasileiro, conquistando espaços antes tradicionalmente restritos a empresas da Europa, Estados Unidos, Japão e Coreia.³⁸

O cenário das relações Brasil-China manteve-se estável nesse período, e parecia consolidado.³⁹ A crise política e econômica de 2016, que culminou com o Impeachment da Presidente Dilma Roussef levou, contudo, a uma revisão geral do panorama brasileiro. Seu sucessor, o Presidente Michel Temer (2016-2018) enfrentou a profunda crise econômica com enorme dificuldade, o que foi agravado pelo estado de instabilidade política, desvalorização da moeda e do preço das commodities, queda da produção, desemprego em massa e o fim de diversos programas de auxílio e distribuição

de renda. O efeito desse contexto foi uma forte polarização social, em função dos debates ideológicos, que se reproduziram nas eleições de 2018.

O Brasil observou a notável ascensão da Extrema Direita, representada pelo candidato Jair Bolsonaro, cujo centro do discurso seria o combate ao Socialismo, propagado pelos governos de Lula e Dilma Rousseff, e uma reorientação política, de caráter conservador, em direção ao governo americano de Donald Trump.⁴⁰ Isso mostra uma sintonia de interesses entre a sociedade norte-americana e a brasileira: se o governo de Barack Obama (2009-2017) foi acompanhado harmonicamente por Lula e Dilma, a subida ao poder de Trump deu azo a que a direita brasileira se pronunciasse, revelando sua insatisfação com as questões ideológicas, sociais, educacionais, o problema da corrupção em diversos níveis governamentais, e a intervenção do Estado na administração pública.

A vitória nas eleições de Bolsonaro foi surpreendente, pelos números expressivos de sua votação.⁴¹ Isso deixou os chineses extremamente preocupados,⁴² já que uma de suas propostas de campanha era rever as relações entre Brasil e China, assim como fizera o governo Trump. Considerando essa relação deficitária e prejudicial aos interesses nacionais, Bolsonaro havia pregado uma guinada no rumo das parcerias e acordos fechados até agora entre os dois países.⁴³

Possíveis efeitos

Em diversas ocasiões, o presidente Bolsonaro teria manifestado sua preocupação com a assimetria das relações Brasil-China. Apesar de serem os principais consumidores de nossos produtos agrícolas e minerais, a balança seria deficitária para o Brasil, em função da grande quantidade de produtos chineses que teriam chegado ao nosso mercado – o que se mostra uma informação equivocada, tendo em vista que nos últimos anos, a balança comercial brasileira tem sido favorável, justamente, graças aos chineses.⁴⁴ Todavia, os efeitos desses superávits se concentram na mão do governo, de investidores e da classe empresarial, não alcançando diretamente o quadro geral da população. Os lucros hauridos das exportações não tem sido suficientes para cobrir os rombos nas contas públicas, prejudicando todos os setores administrativos e de serviços, além de não sanar o desemprego crescente. Como vimos, esse efeito já acontecia, de fato, nos governos anteriores, mas tinha sido equilibrado pelas políticas de distribuição de renda. No contexto atual, porém, a capacidade do Estado brasileiro de compensar perdas

econômicas ficou bastante reduzida, e a tarefa de reestruturação, em um novo modelo, pode ser demorada.

Embora ainda não estejam claramente definidas, as metas do novo governo incluiriam um incentivo a economia de mercado mais liberal, mas mantendo áreas-chaves produtivas, consideradas de interesse nacional. É possível que políticas de protecionismo possam ser igualmente criadas, dificultando a entrada de produtos chineses para estimular a indústria nacional.

A questão é que essas ações em relação à China não podem ser unilaterais. A classe política ligada ao agronegócio, e apoiadora incontestada do novo presidente, ficou extremamente preocupada com que os chineses possam, em retaliação, buscar outras fontes de fornecimento de grãos e matérias-primas (as exportações de petróleo e soja para a China são fontes cruciais de divisas para a economia brasileira atual).⁴⁵ Do mesmo modo, se as compras de aço brasileiro ou de minérios diminuïrem, a indústria siderúrgica pode ser gravemente afetada. A combinação desses elementos pode ser um golpe fatal na recuperação econômica brasileira.⁴⁶ Os acordos comerciais foram gradualmente se estabelecendo por conta de contrapartidas, e está claro que a economia brasileira, no atual momento, ficou intimamente vinculada aos projetos, decisões e flutuações da economia chinesa. Até substituir as parcerias com a China – se isso for possível –, buscar novas formas de equilíbrio nessas relações parece ser o mais provável. Mesmo os representantes chineses instalados no Brasil enxergam essa premissa como a mais adequada.⁴⁷ Contudo, o governo precisará agir rápido: os investimentos chineses na África⁴⁸ mostram que o governo da China busca opções de fornecimento de matérias-primas para sua indústria, bem como novos mercados para seus produtos. Ou seja: em breve, o Brasil poderá enfrentar a concorrência de outras nações para obter concessões ou privilégios na parceria com a China.

Esse delicado equilíbrio terá que superar, portanto, as questões ideológicas que acompanham o novo governo.⁴⁹ Numa estratégia similar a de Trump, integrantes do partido político do novo presidente já afirmaram, em tom bastante diferente, que as relações com a China serão mantidas e enfatizadas.⁵⁰ Uma viagem recente foi organizada, mediante convite feito pelo governo chinês, para que integrantes do partido político do presidente fossem até o país conhecer novas tecnologias e propostas de investimento.⁵¹ A viagem abriu uma crise entre alguns apoiadores do governo brasileiro, que se puseram em favor da autonomia da negociação com a China.⁵²

Retomamos aqui o ponto discutido no início desse texto: então, qual será o modelo adotado pelo Brasil, em relação à China? Embora não estejamos mais no século 19 ou 20, o governo brasileiro parece querer adotar uma postura única, na contramão de quase todos os outros países latino-americanos. O debate gerado pela recente missão brasileira na China suscitou uma nova polarização de opiniões similar, em muitas características, a que observamos nas atas e jornais do século 19, quando da primeira missão oficial brasileira ao império chinês.⁵³ Se por um lado ele pretende evitar uma ‘invasão chinesa’, o que aumentaria a dependência do Brasil em relação à economia chinesa, por outro, ele reconhece que o novo modelo econômico chinês é uma construção singular, que tem sido razoavelmente bem sucedida até agora. Poderíamos, então, retomar a China como modelo, como defenderam vários intelectuais brasileiros ao longo do século 20? Ou o próprio futuro do Brasil depende de uma contínua evolução dessas relações, como propõe Severino Cabral?⁵⁴

Pesquisadores brasileiros como Gustavo Ioschpe, por exemplo, mostraram que o sistema educacional chinês, entendido como um dos grandes alicerces das mudanças sociais e econômicas atuais poderia servir de inspiração ao Brasil – e, no entanto, o abismo entre as concepções de educação entre os dois países mostra o quanto os brasileiros estão deficitários de uma educação de qualidade, presos a um sistema educacional mercantilizado, politizado e desvalorizado.⁵⁵ Do mesmo modo, os indicadores sociais de pobreza, exclusão e violência, e as dificuldades burocráticas para empreender e incentivar a economia se mostram totalmente distintos entre China e Brasil, mostrando quão diferente são as percepções culturais dessas civilizações. Eric Vanden Busschen, um dos maiores especialistas brasileiros em relações internacionais China-Brasil, e profundo conhecedor de ambas as culturas, defende a idéia de que os brasileiros se acostumaram à idéia de subdesenvolvimento, dificultando a sua própria transformação social e mantendo uma arraigada concepção de dependência do Estado.⁵⁶ Assim, quer a China sirva de modelo ou não, o sucesso chinês se revela como um espelho dos problemas brasileiros, mostrando como os fracassos dos governos mais recentes do Brasil são resultado de suas próprias políticas públicas desastradas e de uma ausência de planejamento mais profundo, levando em conta questões históricas e culturais, que tornarão as relações entre os dois países um projeto singular no panorama global.

Referências

- 1 Prof. Adj. História Oriental UERJ, Brasil. Mail: orientalismo@gmail.com
- 2 HUI, Juan Hung. *Chinos en America*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992; PERES, Victor. “Os chins no Brasil e suas Histórias”. *Revista Leste Vermelho*, n.1, vol.2, 2016, p.84-106; SILVA, João Ítalo de Oliveira e. “A experiência Coolie na América Latina (Cuba, Peru e México) e as possibilidades de uma história transnacional”. *Temporalidades – Revista de História*. Belo Horizonte, v.8, n.2, 2016.
- 3 Ibid. PERES, 2016; LEITE, José Roberto. *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- 4 FREYRE, Gilberto. *China Tropical*. Rio de Janeiro: Global, 2015.
- 5 PERES, Victor. “Os “chins” em debate no congresso agrícola do rio de janeiro de 1878: trabalho, imigração e identidade nacional”. *Revista Leste Vermelho*, V.3., N.1, Janeiro/2017, p.534-606.
- 6 MENDONÇA, Salvador. *Trabalhadores asiaticos*. New York: Typographia do Novo Mundo, 1879.
- 7 CZEPULA, Kamila. “Os indesejáveis chins”: a imigração chinesa nas páginas do jornal gazeta de notícias (1879)”. Anais da ANPUH-SP, XXIII Encontro Estadual da ANPUH. Assis, 2016; “Em busca dos Chins” in BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria [orgs.] *Vários Orientes*. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edições Sobre Ontens/ LAPHIS, 2017.p.243-253.
- 8 O relato sobre a China foi feito pelo diplomata Henrique Lisboa, no livro LISBOA, Henrique. *A China e os chins: recordações de viagem*. Brasília: FUNAG, 2016. [original: Typographia Goedel, 1888]. O relato sobre as transações diplomáticas pode ser visto em “Documentação Diplomática da Missão à China (1879-1882)”. *Cadernos do CHDD*, nº 20. Rio de Janeiro: Centro de História e Documentação Diplomática, 2012. Uma análise mais detalhada da questão pode ser vista em CZEPULA, Kamila. “Faça-se o que se quiser – os chineses povoarão o Brasil”: a primeira missão brasileira na China” in BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria [orgs.] *Extremos Orientes*. União da Vitória/Rio de Janeiro: Edição Especial Sobre Ontens – LAPHIS/UNESPAR, 2018, p.209-217.
- 9 DANTAS, Fábio Lafaiete. *Origem das relações entre o Brasil e a China: a missão especial de 1879*. Recife: Liber, 2006; MOURA, Carlos F. *Liou She-shun : Plenipotenciário do Império da China na Viagem ao Brasil em 1909*. Macau: ICM, 2011.
- 10 Sobre o Orientalismo Brasileiro, ver MAFRA, Adriano e STALLAERT, Christiane. “Orientalismo Crioulo: D. Pedro II e o Brasil do Segundo Império”. *Iberoamericana*, XVI, 63, 2016, 149-168.
- 11 DEZEM, Rogério. *Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005; LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- 12 BUENO, André. “Caminhos para uma Sinologia Brasileira”. BUENO, Andre; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria [orgs.] *Diversos Orientes*. União da Vitória/Rio de Janeiro: Edição Especial Sobre Ontens – LAPHIS/UNESPAR, 2018, p.5-13.
- 13 Jornal *Correio da Manhã*, 8de janeiro de 1958. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=jo%C3%A3o%20batista%20kao%20se-tsien
- 14 KAO, João Batista Se-Tsien. *Filosofia social e política do Confucionismo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952; *Confucionismo e Tridemismo*. Rio de Janeiro: Franciscanos, 1953.
- 15 JOPPERT, Ricardo. *A China é sempre Formosa*. Rio de Janeiro: Fleming, 1958; *Taiwan revisited – a summing-up after four decades*. Rio de Janeiro, 2000. Entre seus trabalhos sinológicos, destacam-se *O alicerce cultural da China*. Rio de Janeiro: Avenir, 1979 e *Porcelana chinesa*. Rio de Janeiro: Artmed, 1999.
- 16 Ibidem BUENO, 2018, p.6.
- 17 Ibidem LISBOA, 1888.
- 18 SANTOS, Labienno. *Visões da China*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944.
- 19 MENEZES, Adolpho J. B. *O Brasil e o Mundo Ásio-africano*. Brasília: FUNAG, 2012 [original: 1956]
- 20 GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó*. Porto Alegre: LP&M, 2001.
- 21 DUARTE, Osny. *A China de hoje*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956; *Nós e a China*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.
- 22 TELLES, Lygia. *Passaporte para a China*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.
- 23 JUNIOR, Caio Prado. *O mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- 24 DIKOTTER, Frank. *A grande fome de Mao*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- 25 BOJUNGA, Cláudio. *Viagem a China aberta*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

- 26 STUDART, Heloneida. *China – o Nordeste que deu certo*. Rio de Janeiro: Novo Tempo, 1982.
- 27 BRAGA, Humberto. *O Oriente é Vermelho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- 28 DRUMMOND, Carlos. *Viagem à grande China*. São Paulo: Scrita, 1996.
- 29 CHACON, Vamireh. *Goa e Macau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- 30 POMAR, Wladimir. *O Enigma chinês*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1987; *China, desfazendo mitos*. Publisher Brasil, 2009.
- 31 CABRAL, Severino. “O Diálogo Brasil-China: Perspectivas para o Século XXI” In BELLUCCI, Beluce [org.] *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: UCAM, 2004.
- 32 Ver também LIMA, Sérgio Eduardo M. *Brasil e China: 40 anos de relações diplomáticas: análises e documentos*. Brasília: FUNAG, 2016.
- 33 BIATO Junior, Oswaldo. *A Parceria Estratégica Sino-Brasileira: origens e perspectivas (1993-2006)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.
- 34 COSENZA, Apoena. “Apontamentos sobre o comércio entre Brasil e China (2003-2014)”. *Leste Vermelho*, n.1, vol.2, 2016.
- 35 “Sete gráficos para entender a impressionante transformação econômica da China”. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150926_china_urbanizacao_cc
- 36 “Have You Hugged a Concrete Pillar Today?” Disponível em: https://www.gatesnotes.com/Books/Making-the-Modern-World?WT.mc_id=06_13_2014_smilc_tw&WT.tsrc=Twitter
- 37 “Property sector slowdown adds to China fears” Disponível em: <https://www.ft.com/content/4f74c94a-da77-11e3-8273-00144feabdc0>
- 38 Autores como João Paulo Velloso já chamavam a atenção para a defasagem do Brasil, em vários setores, em relação à China e Índia. Ver VELLOSO, João Paulo. [org.] *O Desafio da China e da Índia: Resposta do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005; VELLOSO, João Paulo.[org] *China Índia e Brasil : o País na Competição do Século*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- 39 Uma análise bastante consciente das propostas de parceria entre China-Brasil é o trabalho de ALTEMANI, Henrique. *Brasil e China Cooperação Sul-sul e Parceria Estratégica*. Belo Horizonte: Fino Taco, 2012.
- 40 “Trump e Bolsonaro: relações carnavais” Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/11/opinion/1544485462_147936.html
- 41 Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2018/2turno/>
- 42 “Chineses aguardam sinais de Bolsonaro para definir investimentos, diz Câmara Brasil-China”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/11/05/chineses-aguardam-sinais-de-bolsonaro-para-definir-investimentos-diz-camara-brasil-china.ghtml>
- 43 “Chanceler informal, Eduardo Bolsonaro ameaça relação Brasil-China”. [Eduardo Bolsonaro é filho do Presidente, e importante representante do pai] Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/poder/376943/Chanceler-informal-Eduardo-Bolsonaro-amea%C3%A7a-rela%C3%A7%C3%A3o-Brasil-China.htm>
- 44 “Comércio Bilateral Brasil-China”, 2017. Disponível em: http://cebc.org.br/sites/default/files/informativo_no_87_pdf.pdf ; “Balança Comercial Brasil – China”, 2018. Disponível em: <http://www.chinalinktrading.com/blog/balanca-comercial-brasil-china-economia/>
- 45 “China faz alerta a Bolsonaro e diz que 'custo' pode ser grande ao Brasil” Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2018/10/31/china-faz-alerta-a-bolsonaro-e-diz-que-custo-pode-ser-grande-ao-brasil.htm>
- 46 “O que está em jogo na relação do governo Bolsonaro com a China?” Disponível em: https://br.sputniknews.com/sputnik_explica/2018110812626573-brasil-china-economia-bolsonaro/ e “Para Bolsonaro seria 'grande suicídio' se afastar da China, segundo economista”. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/opiniao/2018122012950014-brics-brasil-china-saida-jair-bolsonaro/>
- 47 “China só investe onde é bem-vinda; cuidado Brasil”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/19/china-so-investe-onde-e-bem-vinda-cuidado-brasil-diz-camara-de-comercio.htm?fbclid=IwAR2ySUKrTPEhttunBle3vvDNyCJ4E7M-1BcwSAsC3fhd60eGQ-1JPBlyLks&cmpid=copiaecola>
- 48 ALDEN, Christian. *China na África*. São Paulo: Nossa Cultura, 2009.
- 49 “Encontro com Bolsonaro esfria os ânimos na China, mas Pequim segue alerta” Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/encontro-com-bolsonaro-esfria-os-animos-na-china-mas-pequim-segue-alerta/>

50 “Presidente do PSL diz a chineses que relações com o país não vão acabar com Bolsonaro” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/12/presidente-do-psl-diz-a-chineses-que-relacoes-com-o-pais-nao-va-acabar-com-bolsonaro.shtml>

51 “Bancada do PSL vai até a China”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/16/bancada-do-psl-vai-a-china-para-importar-tecnicas-de-reconhecimento-facial.htm>

52 “Deputados do PSL e DEM em viagem à China vão processar Olavo de Carvalho” Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/18/membros-da-bancada-do-psl-que-foram-a-china-va-processar-olavo-de-carvalho.htm?cmpid=copiaecola>

53 Ibidem LESSER, 2002; DEZEM, 2009 e CZEPULA, 2017 e 2018.

54 “Relações Brasil-China continuarão a avançar no governo de Bolsonaro, diz especialista” Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2018-12/04/c_137649650.htm

55 IOSCHPE, Gustavo. “A Educação Chinesa”, 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/brasil-deveria-aprender-com-a-china-o-valor-do-sistema-baseado-no-merito/>

Lembremos que Osny Duarte já havia alertado para a mesma questão em 1956.

56 “China não tem mais nada de comunista', diz historiador”. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021103_ericbuschefinal.shtml